

O Benedicto

Era franzino, esguio, pallido. Tinha o ar doentio das creanças que nascem de casas já velhas, e passam a vida a lutar contra os apertos da miséria. Pai, não o chegaria a conhecer. Não possuía irmãos. A mãe, uma Tuberculosa, pouco tempo sobrevivera ao seu nascimento. Três annos, se tanto. Era pequeno, mas lembrava-se bem. Fôra por um dia de setembro, de sol claro, cheio de flores e da alacridade efusiva dos passaros, que ella, num adeus sentido, fechára para sempre os olhos. Na terra, só lhe ficou a avó, uma velhinha enghada, cujos cabellos imitavam a brancura immaculada do aminho.

Apesar da sua pobreza laboriosa, mas honrada, - a velha coiza para viver - tomou a seu cargo o cuidado do orphãozinho.

A' proporção que elle ia crescendo, ministrava-lhe, carinhosa, as mais salutares lições e conselhos, que mais tarde haviam de habilital-o a ganhar, honradamente, o seu pão quotidiano.

Quando andava ali pelos sete annos, a avó propoz-lhe um re-

gocio lucrativo. Ella guardava umas pequenas economias que as suas trabalhosas costuras lhe haviam deixado. Com ellas, compraria côcos e assucar, faria uns doces, que o netinho devia levar á rua, para vender. Vendidos, lhe daria uma porcentagem.

Benedicto accitou a proposta, com enthusiasmo.

No outro dia, saiu, com effeito, com a bandejinha de doces, na palma da mão, apregoando, na sua voz arrastada de criança americana, as finas cocadas que as mãos assejadas da Tia Rosalina haviam feito. Todos sabiam que, em negocios de asseio, a Tia Rosalina era intransigente. Por isso compravam, sem escrupulos, as cocadinhas ferecas, ferecas e boas, que o Benedicto lhes offerecia. Em breve, estava com a bandeja vazia. E foi com uma alegria dsida, que o Benedicto correu a casa, para noticiar o facto á avó.

No dia seguinte, nova bandeja, que se evaziou, com a mesma rapidez da precedente.

Das cocadas, passou Tia Rosalina aos doces de leite, de cidra,

de banana, marmello, goiaba. E a freguezia, não mais se contentava com o que saia à sua fazenda mas encomendas directamente à tia Rosalina. Tantos eram os pedidos que a velha, para os satisfazer, se via em grandes apuros.

Benedicto ajuntou um pequeno peculio, que as novas vendas, dia a dia, augmentavam. Comprara já umas roupinhas novas, um chapéu novo, umas botinas também novas. Até botinas comprara o Benedicto! É verdade que ainda as não calcava, conservando-as, por precaução contra possíveis larapios, bem escondidinhas, no fundo do baú.

A festa não estava longe. Era o dia que escolhera para estreal-as. E todo se deliciava com a expectativa de espanto dos seus companheiros de rua, quando o vissem, com aquellas duas joias nos pés, rinchadeiras como não havia outras, a passear no adro da igreja. Para essa occasião, reservara também uma fatista nova, talhada de ~~propósito~~ ^{fatista} a pôr aqua na bocca dos alvos fadinhos da villa. Ao menos,

assim pensava elle.

Chegou, por fim, o dia tão ansiosamente esperado por Benedicto. Chegou e passou como os outros dias. Benedicto envergou o seu ternão novo, cheirando ainda aos alívios recentes, calçou as suas botinas rinchadeiras, andou de taboleiro em taboleiro, de mãos nos bolsos como um rico homem, a pagar doces para os conhecidos, e não se desdenhou de arriscar alguns mínguados cobres no caipira. Arriscou e ganhou. Daquella inipida festa só lhe ficou o gosto pelo jogo. Até em Tão, não sabia o que vinha a ser aquillo, nunca jogara.

Inexperiente como era, e animado, de mais a mais, pela sorte que lhe sorria animadora, descobriu logo, no jogo, um meio facil de enriquecer. Descobriu e entregou-se-lhe de alma e corpo. Primeiro ao caipira, depois à roleta, por ultimo ao bualho.

O habito do jogo operou nelle uma transformação completa. Já não era o mesmo menino, servical e meigo, de outros tempos. A creança garula de outrora desaparecera; em seu lugar, fica-

ra a quelle estafermo, de se con-
centrado, sempre mettido consigo
mesmo.

A ambição de ganhar levou-o
à frequencia de uma socie-
dade corrupta, às casas de re-
putação duvidosa, onde se di-
zem as coisas mais torpes, com
a maior semcerimonia do
mundo, entre goles de aquar-
dente baixa. Em taes lugares,
costumava, às vezes, a passar
grande parte da noite.

Foi estranhando-lhe a subita
mudança de proceder, e des-
confiada do que poderia oc-
casionar-lhe, que tia Rosalina,
carinhosa como todas as avós,
se resolveu a dar-lhe alguns con-
selhos. Longe della o desejo de
molestal-o. Se lhe falava, era
unicamente para seu bem. Jul-
gava-o um rapazinho de juizo,
não obstante admoestava-o a
que tomasse muito cuidado com
as companhias. É a velhinha con-
tava, chorosa, innumerros casos de
meninos bons que, ao depois,
se transformaram em bandidos
da peor especie, pela falta
de escrupulo em escolher os
companheiros.

- Não tinha ouvido falar no Fortunato, o perigoso salteador que todos temiam? Pois ella o conhecia rapaz honesto, empregado de uma acreditada casa commercial. Foram as más companhias que o desviaram da linha recta do dever...

Benedicto escutava-a, calado. Nunca via muito a avó, para affligil-a com respostas asperas. Toda via, não gostava das suas advertencias. Sabia perfeitamente o que estava fazendo.

Nessa noite, voltou mais tarde para casa. Quando bateu á porta, já os gallos cantavam. A avó que velava, solícita, á sua espera, quasi decaiu de dor, quando o viu entrar roto, com os roupas sujas de lama a attestar as quedas que dera pelas ruas, o ar spatetado de quem não entende nada do que se está passando com elle, as pernas infirmes, bamboleantes, um sorriso alvar na bocca babugenta, a praguejar ainda por cima umas coisas tão feias, que teriam posto de pé os seus cabellos, se ella, precavida, os não conservasse bem enrolados e se

quros a grampos, no alto da ca-
beca.

Foi, pois, com lagrimas nos olhos,
que ella o reprehendeu:

— Aquillo não podia continuar
assim. Que se emendasse, do con-
trario seria forçada a expulsal-
o de casa. Em sua familia, gra-
ças a Deus, nunca succedera
semelhante coisa. Soubera criar
os filhos. Se lhes não dera muita
instrucção, criara-os, todavia, ho-
nestos e laboriosos. Bebattos, é que
ninguém lhes poderia chamar...

Ao recolher-se, esa noite, ao seu
pequeno quarto, cozinha com o
seu desgosto, a velha parecia
mais enrugada, mais curva; elle
javam-lhe mais brancos os cabel-
linhos ralos. É que, naquelle mo-
mento fatidico, assistira á mor-
te de sua derradeira esperan-
ça.

Avançae a Taboa de salvacão das
mãos do nauta, que luta no
turbilhão das ondas rugidoras, e
veréis como elle desfallece imme-
distamente. A esperança é uma
especie de Taboa salvadora a
que nos apegamos na vida. Se
ella nos foge, o desanimos invade-
nos, o enthusiasmo arrefece, e a

estrada que, animosos, trilhava-
mos, sorrindo as flores desabrocha-
das pelas margens, transforma-
se para nós em um leito fa-
goso de urzes e abrolhos.

Aquelle neto era, para a velha,
a sua alegria unica, todo o seu
sonho de felicidade. N'elle espe-
rava descansar, futuramente, das
suas passadas fadigas. Nos seus de-
vaneios inoffensivos, sonhava já com
uma casinha propria, ensombreada
de trepadeiras, muito ensaiada, com
um quarto para si, outro para o
Benedicto, uma sala de jantar
bem arejada, optima cozinha. Ao
centro da sala, uma mesa de
verniz, forrada de alvissima toa-
lha de algodão, sobre que dis-
poria, à tarde, os pratos de louça,
indo sentar-se pacientemente à
soleira da porta, aberta sobre
o jardim, para aguardar a
chegada do neto. Não se arre-
ceava de que elle viesse fati-
gado, sem fome. Para isso tinha
recursos, que sabia preparar bons
caldos, coisas de metter agua na
bocca de toda a gente.

Foi assistindo ao desmoronamen-
to de todos esses castellos, que tia
Rosalina se recolheu ao quarto,

aquella noite, mais enrugada, mais
branca, mais velha.

Benedicto, mal a avó se retirára,
estendeu-se, de fôro comprido, al-
li para um canto, e pegou no
sonno. Reservára as explicações,
~~que devia dar-lhe~~, pa-
ra o dia seguinte, que, na
quelle momento, estava a não
poder mais comigo, de tanto
sonno.

Ainda bem não dormira uma
hora, quando ouviu gritos a-
bafados de escuro. A voz parecia
da avó. Applicou bem o ouvido. Não
se enganava. Era mesmo della. E
tremulhado, tanto mais do sonno
que da bebedeira, poz-se de pé,
cambaleando. O corpo inteiro lhe doía
e tem que tivesse tomado uma for-
midavel tunda de pau, lhe doe-
ria tanto.

Acostumado a ver nas trevas, lam-
cou o olhar em termos, orientando-se.
Os gritos chegavam-lhe agora mais
distinctos. Não presentimento de que
^{alguma} desgraça a ameaçava, en-
caminhou-se, resolutamente, para
a camara da avó. Impelliu a
porta que estava apenas cerrada
e, á luz dubia de uma lam-
parina de kerozene, viu desta

car-se, simultaneamente, ^{diante delle,} a figura an-
gulosas de um homem, exigindo, de
faca em punho, da velha aterrori-
zada, que lhe revelasse o sítio
onde guardava as suas economias.

Benedicto não perdeu tempo. Avan-
çou corajosamente para elle. E, á
luz fúnebre daquelle recinto som-
brio, dois corpos tragicos se es-
preitaram numa lucta desigual.

A herosismo de uma criança a
desafiar a colera de um ban-
dido. Ouvia-se o baque secco de
um corpo no soalho, seguido da
fuga precipitada de um vulto
a esquecer-se, esvaziado, pela por-
ta entreaberta. Benedicto tombára,
vencido. Animoso e devotado, ten-
tou ^{ainda} levantar-se, para correr em
perseguição do gatinho, mas as for-
ças o abandonavam, e elle colou
pesadamente no soalho.

Mesal voltada a si do susto por
que passara, tia Rosalina ergue-se,
cautelosa, do canto a que, apro-
veitando a intervenção do neto,
se acoutára, para fugir á sanha
do malvado. Ergue-se e dá com
Benedicto, que ella suppunha ain-
da bebado, estirado no pavio-
mento.

Á vista da avó ^{o misero} sentir remor-

cos das suas ingratições. E foi com sinceros arrependimento que lhe pediu perdão:

- A avózinha me perdoe os desgostos que lhe tenho dado...

Como ella se chegasse muito perto, elle tomou-lhe as mãos, beijou-as, supplicante:

- A avózinha não fique aborrecida commigo. Prometto que nunca mais hei de dar-lhe a menor sombra de desgosto...

Falava numma voz arrastada, languida, que ia, a pouco e pouco, perdendo o timbre natural, morrendo-lhe num longo e doloroso gemido.

Tia Rosalina sentia-lhe as mãos húmidas, geladas, comprimindo nervosamente as suas. Com um presentimento da terrivel fatalidade que sobre elle passava, retraiu-as automaticamente. As suas mãos estavam tintas de sangue. Santo Deus! Benedicto saíra ferido da lucta

Rápida, apañhou a lançaina de sobre a mesa, para contemplar a natureza do ferimento. Mas Benedicto, apertando a mão contra o peito, a tranquillizou, dizendo que aquillo não era nada. Um simples arranhãozinho

sem consequencia nenhuma grave.
E, com os olhos amortecidos, os labios
pallidos, a morte que ^{se aproximava} chegava, so-
licitou-lhe que se chegasse bem
para junto d'elle.

— A avozinha gosta de mim? Gos-
ta muito do seu Benedicto?

— Que pergunta, menino. Por que
não hei de gostar de ti?... Gos-
to muito, sim.

— É que eu a tenho feito soffrer
tanto, tanto...

E, dizendo isto, prendeu docemen-
te a cabeça para trás. Calou,
sem contracção, a abaxa de
tragar a sua bella alma ao
Creator de todos os seres.

Os gallos cantavam. Passaros,
ocultos sob ramarias verdes,
entavam, em coro, uma ode
Triumphal, ^{em} pândalo as dia nas-
cente.

Amanhecia.

Fin.